

Voz da Missão

Edição de outubro de 2024 : Missão Ribeirão Preto - Manaus e Caminho da Fé

De porta em porta



Os seminaristas propedeutas sendo recebidos na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, em Manaus, pelo pároco, padre Rodrigo Barcelos, para dar início às missões. Na matéria em destaque – De porta em porta – os seminaristas ressaltam a importância das visitas missionárias do projeto Ribeirão Preto-Manaus como a essência da ação evangelizadora. **Página 13**

História, arte e fé: belas igrejas em Manaus



A visita dos seminaristas à bela Catedral de Manaus, localizada na praça XV de Novembro, e também à igreja de São Sebastião, situada no coração da capital do Amazonas, na rua 10 de Julho, são pontos marcantes de arquitetura e fé. **Página 4**

História do Caminho da Fé



Dos dias 10 a 22/9, os seminaristas de Ribeirão Preto-SP, guiados pelo reitor padre Marcus Vinícius e acompanhados pelo casal Fábíola e Claret, estiveram em peregrinação com destino ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Nessa matéria, encontra-se a história do Caminho da Fé: sua origem, desenvolvimento e objetivo. **Página 20**

No meio do caminho, há capelinhas, locais de refúgio e devoção



Durante o longo percurso, as diversas capelinhas espalhadas pelo Caminho da Fé são um reflexo da devoção popular, espaços de descanso, em meio à jornada, rumo à casa da Mãe Aparecida. **Página 21**

EXPEDIENTE

DIRETOR GERAL: Pe. Marcus Vinícius de Miranda

EDITORA RESPONSÁVEL: Teresa Magalhães

REDATORES: Dom Moacir Silva, Pe. Marcus Vinícius de Miranda, Arthur Afonso Gomes, Fábio Henrique Gomes da Silva, Luís Gustavo Rodrigues, Miguel Aleixo Marques, Ruan Jonas

DIAGRAMADOR: Matheus Willian Bento

REVISORA: Teresa Magalhães



Dom Moacir Silva, Arcebispo
Metropolitano de Ribeirão Preto

É com muita alegria, esperança e gratidão que apresento mais uma edição do Voz da Missão. Esta edição traz duas ricas experiências vividas pelos nossos seminaristas do Propedêutico: a Missão na Arquidiocese de Manaus e a Peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

A formação pastoral missionária, princípio unificador de todo processo formativo, consiste na necessária qualificação específica para o ministério pastoral, sempre impregnado pela ação do Espírito Santo. Nesta qualificação, integram-se necessariamente estudos pastorais com programas orgânicos de realização de práticas e de experiências pastorais missionárias. (DFPIB, 228).

É em atenção a essa Diretriz que nossos seminaristas realizam as experiências missionárias tanto na Arquidiocese de Manaus como aqui em nossa Arquidiocese, conscientes de que a missão não é uma dimensão entre outras, mas eixo ou paradigma que deve marcar todas as atividades de nossa Igreja Particular.

Boa leitura a todos.

Dom Moacir Silva

EDITORIAL

Missionários e peregrinos da esperança

Fortalecidos pelo lema do Jubileu de 2025, convocado pelo Papa Francisco que é “Peregrinos da esperança”, devemos, com amor e confiança, atender ao pedido incessante da Igreja a qual nos convoca a ser discípulos missionários de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Deve-se, em cada católico, manifestar, de forma explícita, aquilo que nos foi confiado desde o Batismo, ou seja, o dever de proclamar o Evangelho do Senhor a toda criatura (Mc 16,15) e, de modo especial, àqueles que ouvem o chamado de Deus e buscam responder a Ele por intermédio de sua vocação.

O anseio missionário deve ser levado em conta, durante toda a sua peregrinação terrena, atendendo às necessidades da Igreja, em todo e qualquer lugar do mundo, seja na sua Igreja diocesana ou em uma região diferente, como proposto no projeto Ribeirão Preto- Manaus.

De fato, o medo pode se tornar presente, ao encarar uma nova realidade, como vivida por nós, seminaristas, na vasta região amazônica, com suas peculiaridades e dificuldades, contudo, pode-se ganhar ânimo e força ao escutar as palavras dirigidas por São João Paulo II: “Não, não tenhais medo! Antes procurai abrir melhor escancarar as portas para Cristo...”

Com Nossa Senhora, aquela que foi a primeira discípula missionária de seu Filho, a quem o povo da Amazônia tanto ama, a missão pode se tornar inspiradora, levando em consideração o papel próprio do missionário,

que é levar esperança a todos e ocupar o lugar de servidor, assim como Maria que, na anunciação, exclamou: “Eis aqui a Serva do Senhor”.

Miguel

ARTIGOS

Entre rios e edifícios

Tanto no interior, quanto nos centros urbanos, a missão da Igreja do Amazonas tem sido difícil. Dos rios e florestas aos grandes edifícios de concreto, os desafios vêm de todos os lugares. Manaus, a capital do estado, é uma cidade no coração da floresta, com mais de dois milhões de habitantes, maior cidade do estado.

A presença da Igreja Católica nessa região, onde hoje é Manaus, dá-se antes mesmo da construção do primeiro forte português na área, em 1669, quando missionários de várias ordens religiosas, principalmente jesuítas, chegaram à região para evangelizar os povos indígenas. Com o crescimento do povoado ao redor do forte, foi construída, em 1695, a primeira capela, dedicada à Imaculada Conceição.

Assim, a Igreja se entrelaça com a história de Manaus, desde os tempos coloniais até os dias de hoje. Ao longo dos séculos, ela ajudou a moldar a identidade da cidade e enfrentou muitos desafios, como o declínio econômico após o ciclo da borracha.

Nos tempos atuais, os desafios continuam; um dos problemas mais gritantes é o número insuficiente de sacerdotes, tanto no interior, como na cidade. O número de padres não acompanha a necessidades da região, culminando em dificuldades para atender às

novas áreas. Ainda nas últimas décadas, tem-se visto um crescimento acentuado dos protestantes no Amazonas. Em 2000, os evangélicos compunham 15% da população; em 2020, já são 30%, segundo dados do IBGE, cuja tendência é de aumento. Além dessa questão, há muitas outras dificuldades, como mobilidade, especialmente no interior do Estado e o crescimento acelerado da região urbana.

Durante os séculos de história da Igreja na Amazônia, muitos foram os operários dessa grande evangelização. Sempre houve um olhar atento àquela região, muitas ordens pessoas e organizações fazem esse difícil papel, desde o início e até hoje.

Podemos destacar primeiro, os religiosos: os jesuítas, no século XVII com as missões, aldeamentos organizados onde catequizavam as populações locais, até serem expulsos em 1759. Os franciscanos também tiveram sua participação na evangelização e catequese nessa localidade. A Congregação Salesiana chegou no fim do século XIX, concentrou-se principalmente na educação e no trabalho com crianças e jovens indígenas.

Assim os Dominicanos, os Beneditinos, os Missionários da Consolata, entre muitas outras congregações e ordens religiosas, todas tiveram e ainda têm um papel muito importante na presença da Igreja Católica nesse território.

Outro agente importante é a *Caritas*, uma organização internacional da Igreja Católica, voltada para a caridade. Sua história remonta à fundação da Caritas Internationalis, em 1951. A instituição sempre se

comprometeu com a promoção da assistência aos mais pobres e vulneráveis especialmente nas regiões mais desamparadas.

A *Caritas* Brasileira, que foi estabelecida oficialmente em 1956, passou a se concentrar na região amazônica, a partir da década de 1970. Desde então, a organização está imersa na assistência humanitária, no desenvolvimento sustentável e na defesa dos direitos humanos. A organização tem trabalhado diretamente com populações indígenas e comunidades ribeirinhas, promovendo a sustentabilidade e o desenvolvimento, além de oferecer assistência em situações de emergência, como enchentes, desastres ambientais e crises humanitárias.

O Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) tem uma longa história de atuação na Amazônia. Fundado em 1850 na Itália, o PIME é uma sociedade missionária internacional, cujo interesse principal é a evangelização em regiões onde a presença da Igreja é mais frágil. Chegou ao Brasil no início do século XX, e sua atividade na região começou na década de 1940. O PIME se comprometeu a preencher essa lacuna, enviando missionários para viverem com essas comunidades, promovendo o evangelho. Uma característica marcante da organização na sua atuação é o seu compromisso com a inculturação, ou seja, a tentativa de fazer com que a mensagem cristã seja respeitosa em relação às culturas indígenas.

É fundamental também o papel das missões de várias dioceses nessa área. Os missionários têm um papel impor-

tante na manutenção da Igreja no Estado. Um exemplo é o projeto da Arquidiocese de Ribeirão Preto, que mantém atualmente três padres em Manaus, atendendo a duas paróquias: uma, na cidade; outra, no interior, e um sacerdote compondo a Pastoral Indigenista.

A Igreja tem, em suas mãos, uma missão grandiosa e difícil. Os desafios permeiam as décadas, mas a busca de manter sua presença viva, especialmente em regiões remotas e em áreas urbanas em crescimento, persiste firmemente.

Luís

História, arte e fé: belas igrejas de Manaus

A Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição é um marco de fé e de história no coração da capital amazônica. É lá que, pela proteção da Imaculada Conceição e sobre os belos altares, o Cardeal Arcebispo de Manaus preside a Igreja local. Sua atual construção, em estilo neoclássico, surge imponente no meio das edificações de aço e concreto do grande centro manauara, alento de fé para todos aqueles que passam por ali.

A sua história é antiga. Data de 1695 a construção da primeira igreja, de barro e palha, erguida pelos missionários carmelitas e, posteriormente, com a ajuda das tribos indígenas, foi reformada. Em 1850, foi destruída por um incêndio e depois foi reconstruída, demorando vinte anos para ser concluída.

Em nossa passagem pela catedral, podemos contemplar a beleza religiosa e arquitetônica do local, seus diversos altares e também a exposição que fica ao lado do altar que

expressa a fé e a história, marcando a história de Manaus.

Também tivemos a oportunidade de visitar a igreja de São Sebastião, ao lado do Teatro Amazonas. Seu estilo eclético, misturando elementos góticos e neoclássicos, deixam o ambiente propício à oração, e posso arriscar que foi uma das igrejas mais belas que visitei.

Miguel

Maria Augusta Gomes da Silva catequista, ministra da Palavra e representante da paróquia no COMIDI

Testemunho missionário da senhora Maria Augusta Gomes da Silva, membro da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Município de Careiro da Várzea, interior do Amazonas. Desde muito nova, desempenha um importante e valioso serviço evangelizador, em uma região

Sou de família ribeirinha, de 11 irmãos, nasci e vivi parte da minha infância no interior, mas meus pais tiveram que migrar para a capital, porque os anos de 1969-1970 foram muito escassos e difíceis no interior. Ainda adolescente, comecei a participar da catequese, na igreja nossa Senhora Auxiliadora, no bairro do Alvorada, em Manaus.

Foi nessa igreja que minha vida missionária começou. Minha catequista se chamava Maria José, era um anjo! Nunca esqueci sua fisionomia e seu jeito carinhoso com que nos tratava. Minha primeira Eucaristia aconteceu com meus poucos nove anos de idade. No ano seguinte, minha amada e inesquecível catequista faleceu de câncer.

Segui na mesma igreja e no

mesmo bairro a minha adolescência toda e participava de um grupo de adolescentes, meninas seguidoras dos ensinamentos de Laura Vicunha, por isso o grupo chamava Laurinha's. Meus Pais resolveram, então, retornar ao interior. Era o auge da juta e malva fibra que, por muitos anos, sustentou a economia no interior do Amazonas.

Porém fiquei longe da Igreja, pois no interior era muito difícil aparecer um padre. Professávamos nossa fé nas rezas de promesseiros em suas pequenas capelas, onde só nos reuníamos para pagar promessas. Minha avó materna era muito "beata" e dei meus primeiros passos na fé com o auxílio dela.

Por conta dos estudos, tive que voltar para a capital, para concluir o que o interior já não oferecia. Voltei para o mesmo bairro e para a mesma Igreja. Era o auge da PJ e das CEBs, então fui participar do grupo de jovens Jucris, juventude unida em Cristo. Passávamos um tempo no grupo e depois éramos encaminhados às pastorais. Identifiquei-me com as CEBs; ia sempre às comunidades para os encontros com as famílias C.B. Foram os melhores momentos de nossa Igreja!

Vieram dias difíceis e, sem trabalho, retornei ao Parauá. Aí, já tínhamos na pequena e tímida Vila do Careiro, a presença dos padres oblatos de Maria, e nosso Bispo era Dom Milton Correia Pereira, que vinha, por meio das CEBs, organizando as comunidades de base nos interiores da Capital e, no Parauá, estava eu muito falante e respondia às perguntas muito extrovertida. Acabou que um padre, chamado Iginio Mazuck, me observou e me

chamou para conversar, quis saber minha história na fé e me convidou para ajudá-lo na organização da então Comunidade de São Francisco.

Aceitei o convite com meus poucos 17 anos. Acho que foi um dos meus maiores desafios. Fui ser catequista de aproximadamente 60 jovens e adolescentes que só tinham o sacramento do Batismo. Jovens que eram bem mais velhos do que eu. Era a era da catequese sacramental, oito meses para preparar aqueles jovens e adolescentes para o sacramento da Eucaristia e da Crisma.

Foi desafiador, porém muito valioso para o aprendizado na missão, sempre com apoio de meu pai, com muito cuidado de minha mãe e incentivo de minha avó. Acabei por receber a missão de agente de Pastoral na grande e complicada, geograficamente falando, área do Parauá. Essa missão durou 4 bons anos.

Aí constitui família e retornei a Manaus para o mesmo bairro da mesma Paróquia. Tive três maravilhosos filhos e o casamento durou sete maravilhosos anos; acabei ficando sozinha com os filhos todos menores, na área missionária Nossa Senhora dos Navegantes. Sempre nas CEBs, com os filhos já adolescentes, mudei-me para um bairro da zona norte, que ainda não tinha comunidade organizada. Com outras pessoas, criamos a comunidade Sagrada Família.

Hoje, é a área missionária Santa Mônica, espaço em que meus filhos cresceram e os dois mais velhos se tornaram maiores de idade. Resumindo, há quinze anos retornei ao interior e aqui estou como catequista, ministra da Palavra e,

com muito amor, representante da Paróquia no COMIDI (Conselho missionário diocesano).

Arthur

Maria, o Perpétuo Socorro do povo amazônico

"Deus ajuntou todas as águas e deu o nome de mar, e ajuntou todas as graças e deu o nome de Maria"

São Luís Maria Grignon de Montfort

A Santíssima Virgem Maria leva o título de Senhora do Perpétuo Socorro devido à constante atenção, proteção e ao socorro que a Mãe de Deus oferece ao povo católico e, de forma especial, ao querido povo da Amazônia. O ícone da Mãe do Perpétuo Socorro é representado pela imagem dela carregando em seus braços o Menino Deus, aquele que fortifica e é rocha do povo ribeirinho que todos os anos necessita recomeçar suas vidas durante a alta e a baixa do rio.

Jesus olha para os instrumentos de sua paixão, como a cruz e a lança, trazidos pelos arcanjos São Miguel e São Gabriel, então, busca o aconchego de sua Mãe. De natureza semelhante é a realidade daquele povo cuja moradia é inundada, na estação das cheias, e depois seca. Nessa gangorra de dificuldades procuram, como Nosso Senhor, o auxílio de Maria.

No município de Careiro da Várzea, Amazonas, pudemos vivenciar a fé mariana da população que tem como patrona Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cuja festa é celebrada no dia 15 de agosto, solenidade da Assunção da Bem-aven-

turada Virgem Maria.

A ida à Festa da Padroeira foi marcada pela nossa viagem de lancha com os ribeirinhos. Durante o longo caminho percorrido, rasgamos as águas do Rio Solimões até chegar à sede do município do Careiro, onde acompanhamos a chegada da procissão fluvial, momento em que o manto da Santíssima Virgem Maria estendia-se pelas barrentas águas do rio, chamando todos os seus filhos para a grande festa.

O ápice da festa foi a celebração do Santo Sacrifício da Missa, presidida por Dom Zenildo, bispo auxiliar de Manaus, e concelebrada pelos Padres Rodrigo Barcellos e Aparecido Donizeti Maciel, da Arquidiocese de Ribeirão Preto, em missão na Arquidiocese de Manaus, e também pelo Reitor do Seminário Propedêutico Bom Pastor de Ribeirão Preto, Padre Marcus Vinícius de Miranda.



Imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro chegando à sede do município do Careiro

Miguel

ENTREVISTA

O desafio da educação intercultural e bilíngue no contexto amazense

O sonho da educação integral de crianças, jovens e adolescentes vislumbra sua efetivação com o projeto REIBA– Rede de Educação Intercultural Bilíngue Amazônica – que fortalece os valores indígenas e valoriza a língua local ao lado do idioma oficial do país. Irmã Marbelis, psicóloga de formação, especialista em Saúde da Família e Comunidade, pertencente à congregação das Irmãs Lauritas, em entrevista à Voz da Missão, fala sobre os desafios e o alcance desse projeto.



Irmã Marbelis com os seminaristas e uma jovem indígena rumo à comunidade dos Tukanos

A Voz da Missão: Irmã Marbelis, como a REIBA surgiu e qual é a sua missão principal no contexto da educação na Amazônia?

Irmã Marbelis: O Documento Final (DF) do Sínodo da Pan Amazônia de 26/10/2019 traz algumas propostas do Papa Francisco, como inculturação das ações educativas (DF 57), fortalecer as experiências educativas de educação intercultural bilíngue (DF 63) e buscar novas formas de educação convencional e não convencional (DF 64). Em dezembro do mesmo ano, foi criado o Núcleo de Educação Intercultural em

Brasília, dentro da REPAM. E em 9 de julho de 2020, a partir desse núcleo e das propostas do Papa Francisco, foi criada a REIBA (Rede de Educação Intercultural Bilíngue Amazônica). A principal missão é desenvolver uma rede de educação indígena intercultural e bilíngue (língua indígena local e língua oficial do país) nos diferentes níveis de educação básica regular, nas instituições educacionais da região amazônica, que, em estreita conexão com a educação comunitária, promove a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, fortalecendo a sua capa-

cidade crítica e reflexiva para buscar e promover transformações.

A Voz da Missão: Quais são os principais desafios que a REIBA enfrenta na promoção da educação bilíngue e intercultural nas comunidades amazônicas?

Irmã Marbelis: Os desafios são muitos: o deslocamento para as comunidades que geralmente estão distantes da cidade; a comunicação, pois muitas vezes a internet é de baixa qualidade e não tem sinal de operadora de celular; os recursos e estrutura local que muitas vezes são bem precários. Além disso, a educação indígena, nos diversos países amazônicos, não é uma prioridade: é um direito que sempre tem que ser reivindicado, ou porque ainda não foi reconhecido, ou porque ainda não está verdadeiramente em prática. A formação dos professores dentro dessa visão da EIB (Educação Intercultural Bilíngue), nesse contexto, é deficiente. Outro desafio é a diversidade de realidades; cada comunidade indígena tem suas especificidades. Desta forma, não se pode criar algo engessado que seja aplicado a todos locais de atuação da REIBA. É preciso conhecer a realidade e propor ações de acordo com as necessidades, conhecimento dos mais velhos e formas de fazer da comunidade. Mas, ao mesmo tempo que isso é um desafio, também é uma das belezas da Amazônia.

A Voz da Missão: Pode nos falar sobre a importância da valorização das culturas locais na abordagem educacional da REIBA?

Irmã Marbelis: A grande riqueza dos Povos indígenas é sua cultura que respeita a na-



Irmã Marbelis, ao lado da irmã leiga Luciana, com integrantes do povo Kokama

tureza, seus ciclos e sua espiritualidade, a sua coletividade para o funcionamento da comunidade, a sua forma oral de transmitir conhecimento pelas histórias, principalmente na língua indígena. Tudo isso precisa estar presente no que se ensina às crianças e aos jovens. O método regular de ensino não contempla essa riqueza, pelo menos, de uma forma contínua. Fazer essa ponte entre o conhecimento não indígena e o conhecimento indígena, respeitando a sua cultura é o grande intuito.

A Voz da Missão: Como a REIBA se adapta às diferentes realidades e necessidades das diversas etnias que compõem a Amazônia?

Irmã Marbelis: A participação do voluntário local, de um representante da congregação que está na comunidade e da própria comunidade nas atividades da REIBA tem esse intuito de ouvir e de fazer de acordo com a realidade do território.

A Voz da Missão: Quais métodos pedagógicos são utilizados na REIBA para garantir uma educação eficaz e respeitosa com as culturas indígenas?

Irmã Marbelis: Principalmente a valorização dos saberes ancestrais e dos modos próprios de ensino de cada

povo. Depois, alguns instrumentos auxiliam no fortalecimento desses modos próprios como o calendário ecológico, a produção de material didático desde cada realidade e na língua nativa, a revitalização e regaste da língua e outros. Resaltar também a formação que os voluntários recebem antes de ir para os territórios como uma forma de conhecer e aprofundar na realidade dos povos indígenas amazônicos, visando ao respeito e à valorização da diversidade sociocultural da Amazônia.

A Voz da Missão: Como a formação de professores é abordada dentro da REIBA para atender aos princípios da educação intercultural?

Irmã Marbelis: Desde o ano passado vem sendo oferecido para os professores os Encontros Formativos Temáticos (EFT) com o objetivo de fortalecer o diálogo de conhecimen-



Irmã Marbelis e Luciana visitam família indígena



Momento de descontração em visita ao povo Kokama

tos e saberes nos diferentes níveis de educação nas entidades educacionais da região amazônica a fim de promover a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, fortalecendo sua capacidade crítica e reflexiva para buscar e promover transformações. Quatro temas foram desenvolvidos: Desenvolvimento de Materiais EIB, Calendário Ecológico, Revitalização da Língua Indígena e Metodologia AICLE (Aprendizado Integrando Conteúdos e Língua Oficial). Neste ano, cada REIBA local escolheu o(s) tema(s) que mais tinha(m) interesse em desenvolver e assistiram às aulas no primeiro semestre. Neste segundo semestre, estão elaborando material conforme o tema escolhido.

A Voz da Missão: Quais são os resultados que a REIBA já alcançou, desde sua criação, e como esses resultados impactaram as comunidades locais?

Irmã Marbelis: Nesses quatro anos de caminhada e compromisso com a educação intercultural bilíngue, um dos resultados tem sido a criação do voluntariado, assim como a formação sistemática dos professores indígenas em temas

que contribuem com o fortalecimento da educação dos povos indígenas amazônicos. A criação de materiais didáticos por parte dos professores indígenas e dos voluntários tem sido uma riqueza para educação das comunidades indígenas.

A Voz da Missão: Irmã Marbelis, como a REIBA se envolve com as famílias e a comunidade em geral para promover a educação?

Irmã Marbelis: A educação indígena não acontece só na escola; toda a sua vivência de comunidade é um ensino aprendizado da cultura. Assim, os voluntários são incentivados a participar da vida da comunidade: nas atividades religiosas e recreativas, nas reuniões. Os voluntários também participam de alguma pastoral ou grupo da comunidade. Assim, eles ficam mais próximos das pessoas, nesses momentos, que geralmente são pais, tios, avós das crianças e adolescentes, aumentando a confiança e o relacionamento com eles. Assim, fica mais fácil dialogar sobre as questões educativas dos estudantes com os seus responsáveis.

A Voz da Missão: Que parcerias a REIBA estabeleceu com outras organizações

e como elas têm contribuído para o seu trabalho?

Irmã Marbelis: A REIBA desenvolve sua missão em articulação com algumas congregações religiosas que trabalham com a educação indígena e que, com muita disponibilidade, acolhem os voluntários nas suas casas e contribuem com sua missão e formação. Atualmente estamos dialogando com algumas universidades para a certificação dos professores indígenas que participam da formação que a REIBA oferece.

A Voz da Missão: Por fim, qual é a visão da REIBA para o futuro da educação intercultural na Amazônia e quais passos estão sendo dados para alcançá-la?

Irmã Marbelis: A REIBA se propõe fortalecer a Educação Bilíngue intercultural como uma forma de preservar a vida e cultura dos povos indígenas. Sendo assim, a educação diferenciada é um direito dos povos, porém, precisa a efetivação desse direito, para que realmente possam ter as condições e os recursos necessários para usufruir de cada realidade. Garantir o direito a uma educação de qualidade diferenciada que respeite as especificidades de cada povo, pressupõe a criação de Políticas Públicas voltadas para responder às necessidades dos povos originários. Nesse sentido a REIBA busca ampliar a rede diálogo com os órgãos oficiais responsáveis pela educação nos estados e municípios, com o intuito de reivindicar junto com as comunidades indígenas o reconhecimento dos próprios de educação.

Ruan

CRÔNICA

Trapalhadas à beira-rio

Ainda estava escuro. A imensidão do céu noturno, repleto de estrelas, estendia-se acima, enquanto o rio calmo refletia a lua como um perfeito espelho. Alguns jovens missionários caminhavam com seu reitor rumo a uma canoa; a missão naquela área já havia sido concluída.

Entre eles estava Miguel, um jovem entusiasmado, satisfeito com a missão ali realizada e ansioso por seguir em frente. Ao chegarem à margem do rio, como havia bastante barro, decidiram subir em um tronco próximo para facilitar o embarque. O primeiro jovem subiu na canoa sem problemas, e então chegou a vez de Miguel.

Com cautela, ele avançou pelo tronco, mas seu pé escorregou. Instintivamente, agarrou-se a uma arvorezinha, que, com um estralo, cedeu com o seu peso. Em um piscar de olhos, Miguel se viu caindo de costas, direto no barro.

O impacto foi amortecido pela mochila que o rapaz carregava. Por um momento, ninguém soube o que fazer. O silêncio foi quebrado pela voz de Miguel, entre risos e desespero.

- Me ajuda! - exclamou Miguel, debatendo-se no chão, na tentativa de se levantar.

Fábio, um de seus companheiros, prontamente foi ao seu auxílio, mas quase foi arrastado para o barro. Após algum esforço, e com ajuda do piloto da canoa, Miguel foi erguido.

Os risos dos jovens missionários, acompanhados pelo reitor, ecoaram rompendo o silêncio da madrugada.

- Bem, pelo menos eu não caí na boca do jacaré - disse

Miguel, arrancando mais gargalhadas de seus companheiros.

Todos embarcaram na canoa sem mais incidentes. A pequena embarcação os levou para longe, transformando esse pequeno acidente em mais uma história para contar. Mas aquela missão ainda reservava outras quedas, porém são narrativas para outro momento.

Luís

REPORTAGENS

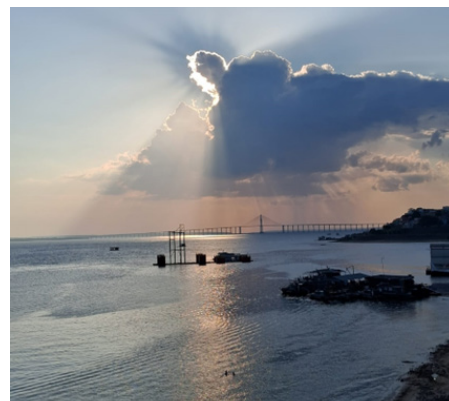
Mirante, a nova atração de Manaus

Os Seminaristas, acompanhados pelo reitor, Padre Marcus, visitam o mirante Lúcia Almeida, inaugurado neste ano

Na semana em que estivemos em Manaus, aproveitamos para conhecer algumas inovações da cidade, entre eles, o Mirante Lúcia Almeida, inaugurado em abril deste ano. Fica localizado na Avenida 7 de Setembro, na área que, antes da reforma, estava danificada e em situação de abandono e, após a obra, transformou-se em um espaço com grande impacto na valorização do centro histórico de Manaus.

Lá, encontramos restaurantes, peixaria, sorveteria, bares etc; além, é claro, da vista sublime com que fomos agraciados. Na frente do Mirante, há o píer de onde pudemos contemplar a extensão e a beleza do rio Negro.

Nesse local, que agora se tornou o novo cartão-postal de Manaus, assim como em outros espaços, há vários visitantes, deparamo-nos com a presença de vários turistas, inclusive do exterior, que vieram experimentar o calor tropical, a culinária manauara e a receptividade do povo brasileiro.



O reitor do Seminário Bom Pastor, padre Marcus, e seminaristas do propedêutico apreciam a bela vista do Mirante Lúcia Almeida

Arthur

Sinfonia vocacional

Na noite do dia 13 de agosto, os seminaristas da Arquidiocese de Ribeirão Preto, São Paulo, fizeram um momento de reflexão na Capela São Francisco de Assis, no Parauá, conduzido pelo Padre Marcus Vinícius de Miranda, reitor do Seminário Propedêutico Bom Pastor, refletindo sobre o tema do Mês Vocacional, a saber: "Igreja - Uma sinfonia Vocacional", tendo como meta perceber o nosso papel dentro dela.

Quando se fala em sinfonia associa-se à ideia de composição de instrumentos musicais, em que todos estão em harmonia, ou seja, mesmo com a diversidade, cada um contribui de uma forma para que todos estejam orquestrados. Nesse momento, ressalta-se a importância de compreender que a Vocação, assim como uma música executada em conjunto, não deve ser vivida para si, mas para os outros, com o

alicerce imagético de compor uma bela sinfonia.

E quem rege a grande sinfonia das vocações é Jesus, cujas partituras musicais representam os vocacionados e as vocacionadas, pois todas as vocações unidas e distintas saem juntas para irradiar-se no mundo.

No mês de Agosto, somos chamados a rezar pelas vocações, e neste ano de 2024, a refletir acerca do papel de cada pessoa dentro da Igreja e o quanto pode caminhar com o coletivo.



Interpretando a ilustração, observam-se os círculos que falam da fraternidade e representam a saída do modelo “enquadrado”, partindo do principal ponto que é Jesus. O coração ardente relembra o Ano Vocacional que ocorreu na Igreja do Brasil, em 2023; o telhado simboliza a casa, lugar da família, a igreja doméstica. O relógio marca 18 h que é o horário do Angelus, dedicado a Nossa Senhora.



Padre Marcus Vinícius, seminaristas e membros das comunidades da região



Capela São Francisco de Assis, no Parauá – Careiro da Várzea

Fábio

Visitas e Formação em Manaus

Na tarde do dia 20 de agosto, os seminaristas da Arquidiocese de Ribeirão Preto, São Paulo, visitaram a Cúria Metropolitana de Manaus. O grupo, formado por cinco jovens, está na etapa do Propedêutico, parte inicial da formação sacerdotal, e em missão na região manauara, projeto que existe desde 2006, e é realizado anualmente em agosto, mês das vocações.

Nessa oportunidade, percorreram as salas da Coordenação Pastoral, o Tribunal Eclesiástico, a Assessoria de Comunicação, o Setor de Arquivo, a Cáritas Arquidiocesana e as salas de reuniões das pastorais e movimentos.

Na visita à Secretaria Episcopal, tiveram a oportunidade de conversar com o Heyke Passos, que explicou a forma como funciona a agenda dos bispos, os setores a que eles atendem, a presença dos religiosos na região; além disso, narrou sua experiência da época de seminário.

A visita foi acompanhada por Rosa Maria, secretária da Coordenação de Pastoral, e Flávia Horta, Assessora de comunicação, que também distribuíram alguns materiais e revistas das atividades da Arquidiocese.

No fim do dia, participaram da Missa na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos e prepararam uma formação sobre a “querida Amazônia”, momento em que tiveram a oportunidade de relatar sua experiência em Manaus e no Careiro da Várzea.

Na mesma tarde desse dia, foram conhecer a Rádio Rio Mar e a Fundação Rio Mar, onde os seminaristas tiveram a oportunidade de conhecer os estúdios, a programação, a sala de imprensa e a de marketing. Na Fundação, conheceram o projeto “Clube amigos da Rio Mar” que tem como objetivo manter a Rádio Rio Mar e os eventos da Arquidiocese.



Visita à Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Manaus

Da esquerda para a direita, Ruan, Luís Gustavo, Rosa, Fábio, padre Marcus, Arthur e Miguel



Momento de conversa com Heyke Passos, secretário episcopal



Visita a Cáritas Arquidiocesana



Setor de arquivos da Cúria, situação em que fomos acompanhados por Abigail Antony, responsável pelo setor



Instante de formação para a “Querida Amazônia” com destaque para a preleção de Luís Gustavo



Visita do grupo ribeirão-pretano à Rádio Rio Mar

Fábio

Visita ao Seminário Arquidiocesano

Como parte da programação das missões, visitamos o Seminário Arquidiocesano São José, localizado no Centro de Manaus. Naquele espaço, tivemos um momento de conversa com o reitor, padre Pedro, que nos explicou a história do seminário e as dificuldades enfrentadas por eles, além de conceder-nos a oportunidade de fazermos algumas perguntas e esclarecer

algumas dúvidas acerca da Arquidiocese de Manaus e da formação dos padres na Igreja na Amazônia.

Ele nos guiou em um passeio pelo Seminário, situação em que tivemos a oportunidade de conhecer as salas, a biblioteca, as capelas, o jardim etc. Como esperado, conhecemos alguns seminaristas, que nos compartilharam sua história vocacional e de vida. O Seminário São José acolhe jovens de todas as dioceses do Estado do Amazonas e da Diocese de Roraima.

Alguns seminaristas advêm de comunidades ribeirinhas ou de aldeias indígenas, por isso os formadores devem cuidar para que eles não se sintam deslocados, nem permitir que algumas carências os afetem em seu processo formativo.

No fim da visita, participamos do almoço com o reitor e os demais seminaristas; foi um momento de descontração e fraternidade. No mesmo dia, os bispos da Amazônia legal estavam presentes para uma reunião no Centro de Formação Maromba, situado ao lado do Seminário. Na ocasião, encontramos alguns bispos e conhecemos o Cardeal Arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Ulrich Steiner.



Na frente, Ruan. Atrás, da esquerda para a direita, Miguel, Luís Gustavo, Fábio, padre Marcus Vinícius, o reitor do Seminário São José - padre Pedro Cavalcante da Silva - e Arthur.



Fachada da capela central do seminário, que se assemelha a uma oca, tradicional modelo de habitação indígena no Brasil

Arthur

Palafitas e flutuantes

Uma curiosidade para quem vai a Manaus são as casas de palafita, típicas da região amazônica. São construídas sobre estacas e têm o revestimento todo de madeira, para que, no período de cheias, a água não tenha acesso ao seu interior e não sejam arrastadas pela correnteza do rio. Normalmente, nesses períodos, é necessário que as famílias retirem seus móveis e animais de criação, levando-os para a terra firme, deixando assim as casas vazias até a seca voltar e poderem retornar.

As casas flutuantes também têm sua construção de madeira. São flexíveis pois acompanham as mudanças de altitude da água e estão sobre uma plataforma que as mantém flutuando sobre as águas.

Tais ribeirinhos vivem próximos aos rios. Eles lidam com a alternância entre as cheias e a seca; em períodos de seca, as casas são levadas para outra região e se adequam ao período do rio e das chuvas. Em razão de viverem da pesca e de pequenas plantações, encontram dificuldades em períodos de seca, pois a terra produz pouco para seu sustento e, durante a cheia, aproveitam que o solo é fertilizado e contribui

para o crescimento de vegetação para os animais no período de estiagem.

A saída das casas é feita por meio de rabetas, que são os pequenos barcos motorizados. E para a locomoção dos ribeirinhos, a fim de ir ao Posto de Saúde, à cidade, levar os filhos à escola, ao trabalho dependem muito do rio e da rabeta.

Conversando com alguns moradores, percebe-se o quanto gostam de morar ali. Mesmo em meio às dificuldades, eles têm como objetivo recomeçar toda vez. Alguns têm a residência na cidade, porém afirmam que morar nas margens do rio é melhor, pois a qualidade de vida é boa e já se acostumaram com os desafios da região.



Casa de Palafitas na região do Careiro da Várzea



Igreja São José, Comunidade São José, no Cumã



Capela São Francisco de Assis, no Parauá



Escola Municipal Nova Esperança - Parauá

Fábio

Desafios pastorais do Careiro da Várzea

O projeto da Arquidiocese de Ribeirão Preto, chamado Ribeirão Preto/Manaus, atende a duas paróquias: Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, em Manaus, que tem como pároco o Padre Rodrigo Barcelos, e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Careiro da Várzea, cujo pároco é o padre Aparecido Donizete Maciel. A Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está localizada no município de Careiro da Várzea, que abrange dez áreas e suas setenta comunidades, estendendo-se pelas margens do grande Rio Solimões. Esse território possui aproximadamente 2.627 km² e uma população de 19.637 habitantes, os quais vivem em áreas formando comunidades atendidas pela Igreja.

O primeiro e talvez mais evidente desafio é a geografia do Careiro da Várzea, onde a maior parte das comunidades é acessível apenas por via fluvial; assim, as viagens de barco e canoa são necessárias, mas não isentas de dificuldades. As condições climáticas, como as secas dos rios, podem isolar comunidades inteiras por semanas ou meses, dificultando a realização de missas, formações e outros sacramentos.

Nessas ocasiões, o padre Maciel cumpre sua missão atendendo às comunidades que a Igreja lhe confiou, caminhando longas distâncias a pé, quando necessário.

De dezembro a maio, o Rio Solimões, assim como todos os igarapés, fica cheio. A partir de junho, eles começam a secar, sendo que o período de setembro a novembro marca o ápice da seca. No entanto, o povo, já acostumado a esse ciclo de recomeço, enfrenta as mudanças do rio, ao longo do ano, com perseverança, tendo a vida fortemente ligada a ele. Quando o rio transborda, enriquece o solo, permitindo o crescimento do alimento para o gado, e a comunidade se alegra. Durante a seca, surgem dificuldades, pois a terra se torna árida, porém os peixes se concentram em áreas menores, facilitando a pesca. O padre Maciel, pároco no Careiro, realiza visitas a todas as comunidades e se esforça para cumprir sua missão pastoral, mesmo quando o rio dificulta o acesso a essas áreas. Com determinação, ele busca visitar cada comunidade ao longo do ano.

Fé, Esperança e Caridade

No passado, toda essa região sofria com altas taxas de mortalidade entre crianças, recém-nascidos e jovens, tanto devido à contaminação da água quanto por causa de outras doenças. A Pastoral da Criança desempenhou um papel fundamental nessas comunidades. Muitos de seus membros, incluindo enfermeiros e profissionais de saúde, puderam beneficiar a população ao oferecer tratamentos e medicamentos a elas. A Igreja, por meio da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro,

sempre apoiou a Pastoral, fornecendo materiais, remédios e suprimentos para cuidar das crianças e jovens. Além disso, com o apoio do Estado e após uma luta pela melhoria das condições de saúde, foi possível obter os suprimentos necessários, resultando em uma diminuição dos óbitos. Hoje, as pessoas reconhecem que, com a boa vontade de quem ama a Deus e se coloca à disposição da Igreja e dos irmãos, surgem sinais de esperança e de caridade, superando os desafios enfrentados no passado.

Apesar de todas essas dificuldades, a missão pastoral, no Careiro da Várzea, continua firme, sustentada pela fé e pela esperança daqueles que, com dedicação, servem ao povo de Deus. A Igreja, em suas diversas expressões, permanece comprometida em ser presença viva de Cristo, no meio do povo, oferecendo apoio espiritual e material, e lutando por uma vida mais digna para todos. Anunciar Cristo e testemunhar o encontro pessoal, escutar os anseios e o cantar amoroso desse povo amazônico, que louva o senhor com caridade e amor, é função da Igreja, que representa um farol de fé e esperança para o mundo e as comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Ruan

De porta em porta

As visitas missionárias como o coração da ação evangelizadora

O coração da experiência missionária, realizada pelo seminário propedêutico, são as visitas às comunidades, em que pudemos entrar em contato direto com a população local



Os missionários durante visita a uma família na área do Parauá

e adentrar suas casas, cumprindo o mandato missionário de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Em cada casa que entrávamos, sobre os nossos ombros, existia a responsabilidade de anunciar a esperança e de rogar as bênçãos do Senhor, por intercessão de sua Mãe Santíssima, a todos. Devíamos rezar com cada um que abria a porta de sua casa e saber aproveitar esse momento para que eles também abrissem seu coração ao Senhor Jesus e a sua Igreja.

Para chegar às várias comunidades a que fomos, enfrentamos a distância e o calor, mas isso não nos fez desanimar ou vacilar na missão. Ouvindo aquelas pessoas, notamos a sua esperança, força e coragem, pois, apesar das muitas adversidades que vivenciam, no dia a dia de suas vidas, não permitem se abalar ou reclamar, mantendo sempre um sorriso no rosto e dando um testemunho de uma fé verdadeiramente sólida.

Fé esta, que se nutre graças à oração do Santo Terço, às devoções populares e à celebração da Palavra, tendo em vista que, pela distância e pelo número expressivo de áreas e comunidades, o padre não consegue se fazer presente a

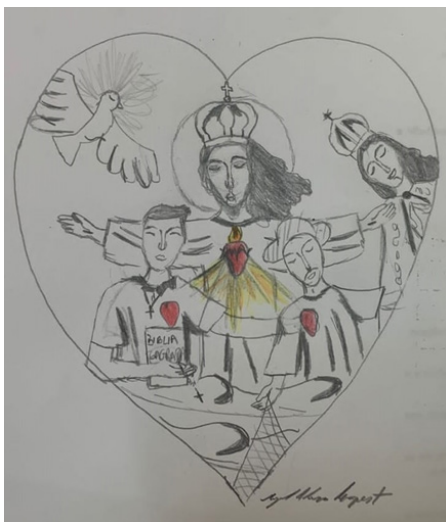
todo momento. Apesar disso, os membros das comunidades que visitamos possuem um verdadeiro espírito de comunidade eclesial, ajudando-se mutuamente e caminhando juntos.

As visitas missionárias desempenham, nesse contexto, um belo e importante trabalho de evangelização, ajudando as pessoas, sobretudo as que estão mais afastadas da Igreja, a ver, conhecer e amar a Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida. E visitar implica sair de si, deixando-se tocar pela realidade do outro, pelos seus problemas e preocupações, por suas alegrias e esperanças. É saber – inspirados na missão de Jesus - ouvir e acolher o outro.

O acolhimento implica sair de sua realidade para saber lidar com a do outro, para assim levar o Evangelho de Cristo de coração a coração, deixando as mesmas pessoas de corações ardentes, para que possam colocar seus pés a caminho (Lc 24, 32-33) e não deixar se levar pelos ventos contrários das dificuldades que sua realidade apresenta.

Aprendemos tudo isso com Maria, a Mãe do Senhor, aquela que deixou tudo para seguir a Deus. Aquela que saiu de Nazaré e percorreu o caminho até Santa Isabel, sua parenta, para servi-la e ajudá-la em sua realidade de gravidez na velhice. Essa é uma parte fundamental da missão, pois devemos levar em conta que não estamos falando somente de ajudas físicas e materiais, mas sobretudo da espiritual, ou seja, auxiliar as pessoas, por meio da missão, a enxergar a beleza de pertencer à Igreja de Cristo, a Igreja Católica.

Arthur Afonso Gomes e Miguel Aleixo Marques



Explorando a Amazônia

Passeio realizado pelos seminaristas mostra a diversidade e a riqueza da cultura amazonense

Manaus oferece diversas atrações culturais, gastronômicas e naturais. Em nossa segunda semana no Amazonas, nos períodos da manhã ou nas tardes livres, visitamos alguns famosos lugares da capital amazonense, entre eles: o Teatro Amazonas, o porto de Manaus, a Catedral, o Mercado Municipal, etc.

No entanto, gostaria de destacar o passeio que realizamos, levados por uma embarcação. Tivemos a oportunidade de nadar com os botos; fazer a pesca do pirarucu e alimentar as tartarugas; fomos até o local onde acontece o encontro das águas do rio Solimões com o rio Negro; no parque ecológico Janauari, fizemos uma trilha para apreciar as vitórias-régias, a fauna e a flora.

Na hora do almoço, comemos em um restaurante flutuante, cujo cardápio era repleto de comidas típicas da região: pirarucu, caldeiradas, frutas, como maracujá e graviola, saladas e o famoso suco de cupuaçu. No mesmo complexo, ao lado do restaurante, havia uma feira

de artesanatos, com inúmeros produtos e lembrancinhas da cultura manauara.

No fim do dia, pudemos visitar a aldeia dos Tuyukas, povo indígena que habita a região do alto rio Negro, e conhecer um pouco de sua distinta cultura. Com cocares de penas e cobertos por pinturas, apresentaram para nós algumas de suas danças e rituais, que, muitas vezes, possuem a finalidade de demonstrar agradecimento pela colheita realizada. No fim das apresentações, participamos da última dança e tiramos algumas fotos. Sem dúvidas é um passeio sem igual, que nos permite entender um pouco mais da cultura e dos costumes de um povo muito especial.



Missionários do propedêutico e padre Marcus assistem à apresentação com rituais e danças da aldeia indígena dos Tuyukas



Encontro das águas, fenômeno que acontece na confluência entre o rio Negro, de água preta, e o rio Solimões, de água barrenta



Seminaristas propedeutas e padre Marcus, nadando com os botos, animais presentes nas bacias dos rios Amazonas e Solimões



Lago com vitórias-régias, espécie típica da região amazônica

Arthur

Tarumã, uma comunidade viva

Durante a nossa visita ao Careiro da Várzea, logo nos primeiros dias, fomos à área do Tarumã, na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré; tivemos a oportunidade de conhecer as famílias, realizar visitas missionárias e participar da Celebração da Palavra. É um local de difícil acesso, distante de onde estávamos hospedados. Para chegar lá, fizemos a maioria do percurso de rabeta, uma canoa motorizada, que nos proporcionou a chance de contemplar a beleza e a grandiosidade do Rio Amazonas, ali chamado de Rio Solimões.

Como em todas as comunidades que visitamos, fomos muito bem recebidos. De fato, o acolhimento dos povos ribeirinhos foi muito notado por todos nós. Com sua simplicidade, colocam tudo o que possuem à nossa disposição, com grande carinho e generosidade. Alguns deles já passaram por dificuldades, mas enfrentaram tudo com resiliência, não permitindo que sua fé fosse ameaçada.

Logo que chegamos, fomos recebidos com um belo café da manhã, com comidas típicas da região, entre elas, a tapioca. Após o café, iniciamos a nossa programação com as visitas missionárias. Para mim,



Padre Marcus e seminaristas na lancha com destino ao Tarumã

estar com as famílias, comunicar a elas uma palavra de esperança, de consolo, anunciar o Evangelho de Cristo, estar em oração com elas e por elas, é sempre a melhor parte das missões. Muitas vezes, agindo como instrumentos nas mãos de Deus, chegamos aos lares que mais precisam de atenção e da ação da Igreja.

Nas últimas casas a que fomos, pude conhecer a dona Maria. Ela me contou, no momento da reflexão do Evangelho, que sua casa já tinha sido arrastada pelo rio, várias vezes, nos momentos de cheia. Ela deixava transparecer em seu semblante uma vida muito sofrida, de muita labuta. Mas assim como todos, naquele lugar, sempre soube se levantar e continuar em frente, sem se lamentar ou murmurar, tornan-

do-se um exemplo para muitos de nós.

Lá também tivemos a oportunidade de conhecer um jovem chamado Gustavo, que há algum tempo, foi convidado pelo padre para trilhar um caminho de discernimento vocacional, a fim de entrar no Seminário Diocesano de Manaus. Tendo discernido o seu chamado, entendeu que o Senhor o chamava para outra missão: o matrimônio. Isso não o impediu de ser um jovem engajado na Comunidade, pelo contrário, ele é coordenador da Comunidade, catequista e está sempre disponível para aqueles que precisam.

No fim do dia, depois de termos sido agraciados por uma chuva refrescante em meio ao calor amazônico, tivemos a Celebração presidida pelo nosso Reitor, Padre Marcus Vinícius de Miranda. Naquele momento, ele falou da vida da igreja e como nós participamos dela, cada um em sua vocação e ministério específicos, como os instrumentos de uma orquestra, que são variados, mas quando tocados juntos constituem uma bela sinfonia vocacional, como nos recorda o tema do mês vocacional deste ano.

No fim do dia, retornamos

para as famílias que nos abrigaram, com a fé renovada e o coração exultante, gratos a Deus por nos permitir vivenciar tantas coisas boas.



Seminaristas propedeutas, guiados por padre Marcus, caminham em direção às casas do Tarumã onde fizeram as visitas missionárias

Arthur

História da Pastoral Indigenista

Em 23 de abril 1972, a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – criou o CIMI conselho indigenista missionário, porque a igreja observava uma extrema necessidade de dar atenção a esses povos, pois eles sofriam violências físicas e morais. Eram roubadas as terras, muitos foram assassinados, não tinham saúde bem estruturada e nem educação e direitos. Não havia uma ajuda concreta do Estado. A igreja, por inspiração divina, criou esse conselho que deu origem à pastoral indigenista. Liderado por homens coraço-



Padre Marcus preside a Celebração da Palavra, na comunidade Nossa Senhora de Nazaré

sos e honrosos, por exemplo, Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino com a missão de cuidar, preservar, levar esperança aos povos indígenas de todo o território brasileiro. Inspirados pelo Concílio Vaticano II e pela conferência de Medellín, colocaram-se à disposição dos povos que sofrem e que tanto necessitam de ajuda espiritual e material.

A pastoral indigenista surgiu como conselho indigenista missionário, porém a necessidade fez com que as dioceses criassem várias pastorais indigenistas, dentro de seus territórios, para atender a certas etnias indígenas que são muitas, buscando sempre aprender as tradições, a cultura e alimentação desses povos.

As pastorais locais têm o propósito de ajudar certas comunidades dentro de territórios diocesanos. Assim, a igreja cria diversas pastorais dentro de várias dioceses que possuem indígenas, a fim de cuidar dos direitos deles. Desse modo, a igreja, com sua presença e ação visível do amor de Deus, auxilia esses povos, gerando a comunhão com os homens e a natureza para o louvor de Deus.

Evangelização

O principal objetivo da Pastoral Indigenista é o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo de forma que ele seja compreendido e vivido dentro da realidade cultural indígena. Esse processo é chamado de inculturação, que significa a transmissão da mensagem cristã, em um contexto cultural particular, sem desrespeitar a riqueza e a identidade do povo que a recebe. Desse modo, demonstram

como o catolicismo se adapta a diversos lugares e se enriquece, promovendo um diálogo frutífero entre a Doutrina da Fé e as tradições culturais locais.

Dentro do Brasil, “nas nossas tribos, existe um rito de agradecimento, quando há uma colheita em abundância. Eles fazem uma festa e compartilham a colheita com outras comunidades. Hoje também entregam essa abundância no altar e cantam em agradecimento. Esse é um exemplo de sintonia entre a cultura e a religião.” Aquilo que é semeado não é só para os outros, mas é também para o bem da Igreja. Esse é o grande desafio. É importante que cada missionário tenha consciência de sua função, ou seja, levar a mensagem do Evangelho, a Palavra de Jesus Cristo, e deve fazê-lo de maneira inculturada na realidade onde estiver, mas também deve estar com o coração aberto para enriquecer a Igreja, porque o Espírito também fala quando a Igreja está presente no local, não só para os povos que escutam a mensagem, mas também para a própria Igreja”, comentou Dom Wilmar, bispo de Itaituba PA.



Altar da capela na comunidade Tukano

A evangelização inculturada deve conduzir os fiéis aos Sacramentos e ao encontro pessoal com Cristo; somente assim o respeito pela identidade dos povos indígenas será vivo e eficaz. Em vez de impor uma visão defeituosa da Fé, a Pastoral Indigenista busca reconhecer as tradições, valores e símbolos indígenas como pontos de contato com a mensagem cristã. Por exemplo, o profundo respeito dos povos indígenas pela natureza é um tema que encontra eco nos ensinamentos cristãos, tal qual a criação e o cuidado com o meio ambiente, como expresso na encíclica *Laudato Si'*.

Nas comunidades indígenas, o anúncio do Evangelho é feito em suas línguas nativas caso haja pessoas com dons para tal, por exemplo, a REIBA (Rede de educação indigenista bilíngue amazônica) adaptando as catequeses e as aulas de diversas disciplinas, às suas tradições. Isso possibilita que o Evangelho seja compreendido não como algo estranho ou imposto, mas como uma mensagem de amor e esperança que se encontra em harmonia com as tradições e aspirações dos povos indígenas.

Minha experiência

“Precisamos de uma Igreja com rosto amazônico, comprometida com os povos indígenas. Suas vidas, culturas e direitos são preciosos para Deus e para a Igreja.” – Papa Francisco, Sínodo para a Amazônia, 2019.

Ao chegar a Manaus, fomos para a Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, onde realizamos missão no bairro da Betânia, durante a semana. No fim de semana, tivemos a oportunidade de nos encontrarmos

com o Padre Rodrigo José de Paula - conhecido como padre Rodriguinho - pertencente à Arquidiocese de Ribeirão preto, em missão no Amazonas, atual coordenador da pastoral Indigenista da arquidiocese de Manaus na qual trabalha com 40 áreas indígenas. Conforme previa a programação, fomos para a comunidade dos Tukanos que fica no Ramal do Branquinho, cerca de 55 km de Manaus, capital.



Navegando pelo ramal do Branquinho com destino à comunidade dos Tukanos

Domingo pela manhã, saímos acompanhados pelo padre Marcus Vinícius – nosso reitor - padre Rodriguinho e padre Odílio dos Santos da etnia desana, pertencente à Diocese São Gabriel da Cachoeira, e também minha turma de seminário, a leiga Luciana e uma Irmã religiosa da congregação Irmãs Lauritas, Marbelis, que fazem parte da coordenação da REIBA. Dirigimo-nos à região da mata, de onde fomos de canoa, e depois houve uma longa caminhada até a área indígena, em que fomos acolhidos pelas anciãs da família Tukano, com cantos de saudação e muito carinho. Apresentamo-nos ao Cacique que ansiava pela visita do padre Rodriguinho, pois ele desejava que sua família recebesse os Sacramentos de Ini-

ciação à vida cristã, principalmente as crianças e os casais.



Celebração da Santa Missa presidida pelo padre Rodriguinho e concelebrada pelos padres Marcus Vinícius e Odílio

No espaço dedicado a orações, na comunidade Nossa senhora de Guadalupe, foi celebrada a missa para toda a área, momento em que havia a presença de muitas crianças e casais jovens. A missa teve cantos na Língua Tukano, desde o Canto de Entrada até o Ofertório. Para que o leitor conheça os cantos de acolhimento e de despedida dos padres e seminaristas, no idioma original, segue a letra – em Tukano - depois, traduzida para o português.

Amekāka

Pahkú, komunitários, yúri amōrai mēē pirō pae awiri, páihri nee amōrai. Pirō awiri yúhkatka nee amōrai, amōrai mánika poyóri pirō awiri nee yúhkatka. Dios nee pirō aheti, nee yúhkatka ekene yúri mēē. Amōrai mánika nānimā pirō yúhkatka. Aniri píha wa'ō. Ani, kái. Yúrekomāpima neetaka kuā Amōrai yúkatiatku. Yúri Animā Ani eko, Ani Pai Póre, ekturú Nee eko. Amém.

Wa'ikáka

Dios nee pirō amōrai mánikiri itā yúre neetaka, yúri pirō awiri atuirihí.

Dios nee pirō.

Nossa Senhora ekture wa'iká nee pirō amōrai mánikiri.

Acolhida

Bom dia, comunitários, nós estamos com os padres e seminaristas na nossa comunidade. Eles chegaram, nós estamos muito felizes por eles estarem aqui.

Foi Deus quem os enviou, para trazer os seus ensinamentos.

Nós estamos muito felizes com a chegada deles. Eu estou emocionada. Vou me lembrar deste dia de hoje pelo resto da vida.

Olhem, este é o meu povo.

Em nome do pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Despedida

Pedimos a Deus que, assim como Ele os trouxe em segurança, conduza-os para casa. Deus os acompanhe,

Nossa Senhora, interceda por vocês.

O Evangelho foi proclamado pelo cacique na língua Tukana e na língua portuguesa pelo Padre Rodriguinho que presidia a Eucaristia. Após a Celebração, almoçamos juntos e conversamos com as famílias, escutamos histórias, dividimos nossas esperanças e aprendemos muitas novidades. Toda essa experiência foi norteadas pelas palavras do Papa Francisco, no Sínodo para Amazônia, 2019: “A voz dos povos originários deve ser escutada: escutemos as suas culturas, as suas histórias e seus modos de relação com a Criação.”

Ruan Jonas

O trajeto como entrega a Nossa senhora

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida” disse o Senhor. Somos chamados a caminhar com Cristo, ele sendo, de fato, o caminho e a luz que nos ajudam a peregrinar nesta curta passagem que é a vida na Terra, e com amor e justiça pelos que passam em nossa história, devemos mostrar essa luz que vem de Deus e testemunhar nossa esperança.

No caminho da fé, que fizemos de Águas da Prata até Aparecida, participamos da missa, sendo esta a 8ª concentração da Arquidiocese de nossa igreja particular de Ribeirão Preto. Motivados pelos companheiros e pela Virgem Maria, nesse trajeto, enfrentamos as dificuldades, sendo elas pedras, poeiras, dores, e subidas longas e grandes descidas. Mas nada disso nos impedia de nos entregar fielmente ao caminho.

Caminhamos com fidelidade às orações pessoais, contemplando a natureza, apreciando a brisa, o cantar dos pássaros, as cachoeiras e os ribeirões que dão vida às plantações e aos animais. Tudo o que nos circundava era propício à oração. Andávamos durante horas, às vezes, conversando com os companheiros. Em outros momentos, fazendo orações mentais, em busca do encontro com o Senhor. O mergulho na oração pessoal nos faz recordar dos trajetos de Cristo, realizados de uma cidade à outra, anunciando o Reino dos céus, e tantas vezes nós contemplamos esse mistério no terço.

Nesse trajeto, houve, de fato, dores, mas nada como um bom descanso nas pausa-

das, a fim de nos recuperarmos para o próximo dia, sempre tendo a mente unida ao coração do Cristo, oferecendo a Ele as dores que incomodavam ou o frio, ao sair cedo. Esse logo passava com o nascer do sol, clareando a estrada e aquecendo todo o corpo.

Depois de um longo percurso, chegamos a Aparecida e nos preparamos para a celebração da missa. Nesse instante, pensei: cheguei até aqui porque o Senhor me sustentou. O caminho da fé nos trouxe grande leveza, pois a travessia foi oferecida a Virgem Maria. Assim, cada passo, cada sincera oração vinda do meu íntimo e de minha razão fortaleceram minha fé.



Ruan, na Serra dos Limas

Ruan

Devoção a cada passo

No começo do ano, inspirados pelo feito da turma anterior, abraçamos a proposta de fazer o Caminho da Fé. Começamos então o treinamento, caminhando de segunda a quinta-feira 6 km por dia.

Assim o mês de setembro chegou. No dia 9, deixamos o seminário a caminho de Águas da Prata, onde fizemos o nosso

credenciamento e compramos um bastão que nos auxiliou muito durante o percurso.

Assim começamos nosso trajeto; caminhávamos sempre pela manhã geralmente até a hora do almoço. Quando chegávamos às pousadas em que iríamos descansar, sempre havia aquela sensação de etapa concluída. E aí tínhamos momentos de convivência e de descanso, preparando-nos para o próximo dia.

Certas partes do percurso eram bem desafiadoras, como a Serra do Caçador e a Serra da Mantiqueira, mas a determinação de chegar ao destino era maior que o cansaço.

Fizemos nosso trajeto em dez dias. O último dia foi especial. Quando avistamos a Basílica, pela primeira vez, foi um sentimento indescritível. Estávamos chegando à casa da Mãe.

E nós chegamos, passamos pelos portões do Santuário de Aparecida e fomos então aos pés da Mãe agradecer pelo caminho. Com a benção do nosso reitor, terminamos nossa peregrinação.



Luís, na Serra da Luminosa, na Mantiqueira

Luís

Romaria ao Santuário Nacional de Aparecida

A peregrinação pelo Caminho da Fé foi uma proposta do seminário. No início, questionava-me se conseguiria realizar esse desafio, mas a forma como as caminhadas foram efetivadas, diariamente, auxiliou muito, isto é, saíamos às 6 da manhã e parávamos às 11 horas.

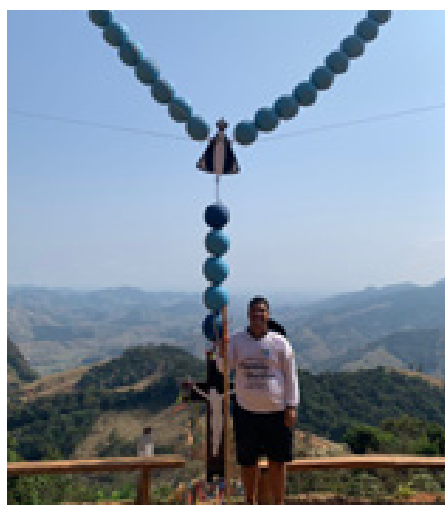
No dia 9 de Setembro, iniciamos nossa ida até Águas da Prata, ponto inicial do caminho da Fé. Durante o trajeto a pé, pude observar a bondade e generosidade das pessoas, com seus sorrisos, com relatos de experiências anteriores e vários testemunhos que nos motivaram. A cada dia, passávamos por uma cidade, e as setas amarelas nos orientavam.

Foi um período de muita reflexão e oração. À luz do amanhecer, no início da jornada, o padre Marcus Vinícius conduzia uma oração e, em seguida, abençoava-nos. Durante o trajeto, rezávamos o terço e também fizemos algumas parilhas, uma forma que sustentava nossos dias e, ao final da tarde, havia a celebração da Santa Missa.

Muitas vezes o cansaço, o calor e as pedras tornavam o caminho mais difícil, mas quando me recordava do nosso destino e das motivações que me levavam até lá, sentia-me motivado a continuar. É uma experiência muito profunda. Não sabia o que me esperava na parada seguinte, e isso me ensinou a confiar.

Com a ajuda das pessoas, o caminho foi se tornando mais leve. Contamos com o auxílio do casal- Fabíola e Claret - que foi de carro e também das pessoas que encontrávamos nos

pontos de apoio e estabelecimentos. Foi uma experiência única que ficará marcada para sempre.



Fábio, na Serra da Luminosa- Mantiqueira

Fábio

Caminho de Aparecida

O relato de um jovem devoto que partiu rumo à casa da Mãe

Nunca havia pensado que faria o Caminho da Fé tão cedo em minha vida. Foi só a partir da entrada no seminário que soube da proposta. Após o ingresso, nós, propedeutas, aceitamos tranquilamente a ideia de fazer a peregrinação, dando início aos treinos e preparativos.

Chegada a hora de colocar em prática tudo aquilo que treinamos durante meses, encontramos os desafios do relevo mineiro, suas curvas, subidas e descidas. Foram sacrifícios sustentados pela fé durante a caminhada. Os mesmos desafios nos remetem a nossa peregrinação à Casa do Pai Eterno, em que, durante nossa lida terrestre, com todos os altos e baixos, seguimos rumo à santidade, rumo à felicidade eterna com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Durante o trajeto, as orações e conversas eram bem

frequentes, mas seguimos com a firme certeza de que, em todos os momentos, estivemos amparados pelo maternal amor da Santíssima Virgem Maria. Amor esse que se expressou, de forma mais clara, ao chegarmos à Basílica onde, aos pés da pequenina imagem, fomos abençoados pelo padre Marcus. Esse momento sagrado já deixa saudades.



Miguel, na Capela dos Apóstolos Santuário Nacional Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Miguel

Caminho de fé e esperança

O Caminho da Fé foi, sem sombra de dúvidas, uma experiência única e inesquecível em minha vida e caminhada vocacional. No despertar do dia 9 de setembro, saímos de Brodowski rumo ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, repletos de dúvidas e incertezas quanto ao bom êxito de nossa caminhada. Eu, particularmente, questionava-me se daria conta de percorrer os mais de 300 km que nos esperavam,

O casal, Claret e Fabíola, que sempre nos ajuda em nossas necessidades, mais uma vez estava conosco para nos levar até Águas da Prata, ponto

de partida do Caminho, e nos acompanhou em todo o percurso com o carro de apoio. Logo no início do dia, após o café da manhã, iniciávamos o nosso trajeto, confiantes de que não estávamos sós, mas amparados na proteção materna da Mãe Aparecida.

As conversas, histórias contadas, brincadeiras e risadas que surgiam durante a jornada, serviam de alento para o restante da caminhada. Nos trechos mais difíceis, onde o esforço devia ser maior, o apoio dos meus irmãos peregrinos vinha em meu auxílio e, quando via, já tinha passado por todas as complicações.

Chegando às pousadas, sempre éramos recebidos com o caloroso acolhimento dos moradores e uma deliciosa comida caseira. Além disso, essa acolhida dos moradores dos locais por onde passávamos se estendia para além das pousadas. Mais de uma vez, fomos surpreendidos com a gentileza de algumas pessoas, que passavam pelo Caminho de carro, oferecendo para nós água, café e até comida. Nos pontos de apoio, também experimentávamos o carinho e a preocupação com o nosso bem-estar por parte daqueles que lá trabalhavam.

Todos os dias, rezamos o Santo Terço em conjunto, pedindo proteção para a nossa viagem e para os nossos familiares, que ficaram em casa. Quando passávamos por uma capelinha, agradecia a Deus por Sua presença, que foi sentida por mim a todo momento, tornando esse tempo de peregrinação um verdadeiro retiro espiritual. A gratidão por viver isso e por poder contemplar a beleza de Deus em cada

paisagem daquele caminho, ofuscava qualquer dor física que poderia sentir naquele momento.

Nas Missas que celebrávamos, tivemos a oportunidade de meditar sobre os milagres alcançados pela intercessão de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, desde a pesca milagrosa até o menino que foi salvo de um afogamento. Isso me fazia crer, com todo o coração, que a nossa Mãezinha do céu caminhava conosco e nos livrava de todos os perigos.

Chegando a Aparecida e avistando a Basílica, uma forte emoção e um sentimento inigualável tomaram conta de mim. Caminhando mais alguns quilômetros, adentramos a Igreja e, diante da Imagem da Virgem Maria, rezamos e cantamos com o coração exultante: “Dai-nos a bênção, ó, Mãe Querida, Nossa Senhora Aparecida”. Voltando para casa, só me restava agradecer pelos minutos da viagem, desejoso por, um dia, fazer novamente este Caminho de fé e esperança.



Arthur, na Passarela da Fé, em Aparecida-SP

Arthur

História do Caminho da Fé

O Caminho da Fé foi criado, tendo como inspiração, o famoso e milenar Caminho de Santiago de Compostela, uma das mais famosas peregrinações

do mundo. Durante o ano todo, um número expressivo de pessoas percorre esse caminho, que se estende por milhares de quilômetros e possui várias rotas alternativas, sendo o caminho francês o mais feito pelos peregrinos.

No Brasil, o Caminho da Fé foi pensado para servir de suporte às mais de diversas pessoas que, para alcançar alguma graça, agradecer pela providência divina ou mesmo para se retirar um pouco do estresse da rotina diária e contemplar as maravilhas da natureza, percorrem esse trajeto até o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

Segundo o site oficial do Caminho, ele “foi idealizado e desenvolvido para dar estrutura às pessoas que sempre fizeram peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida, oferecendo-lhes os necessários pontos de apoio, infraestrutura e principalmente informações”. Baseando-me em nossa própria experiência, posso afirmar que as paisagens sublimes, as comunidades e pousadas por onde passávamos e, sobretudo, as capelas e igrejas, que tínhamos a graça de encontrar durante o percurso, proporcionaram-nos momentos de reflexão, união e intimidade com Deus.

O Caminho da Fé possui várias rotas e ramais, estendendo-se por mais de 2000 km e passando por estradas vicinais, trilhas, bosques e asfalto. Nós iniciamos a nossa caminhada em Águas da Prata, local onde fizemos nosso credenciamento e compramos o famoso cajado usado pelos romeiros na peregrinação. As famosas setas amarelas nos guiavam quanto à direção que tínhamos que to-

mar. Nas pousadas, capelas, pontos de apoio e restaurantes, carimbávamos nossas credenciais, comprovando que tínhamos passado por lá.

Chegando a Aparecida, tendo carimbado toda a nossa credencial, recebemos o certificado de conclusão do Caminho, emitido em nome do Reitor do Santuário e trazendo consigo a seguinte mensagem: “O Santuário Nacional oferece-lhe este certificado, com as bênçãos da Rainha e Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, para que prossiga sua peregrinação no Verdadeiro Caminho que é Jesus Cristo”.



O casal – Fabíola e Claret – e os peregrinos de Ribeirão Preto posam para a foto em um ponto turístico do Caminho da Fé

Arthur

No meio do caminho, há capelinhas, locais de refúgio e devoção

Muito recorrentes, nas paisagens do Caminho da Fé, são as diversas capelinhas espalhadas pelo percurso. Cada uma é um refúgio, um lugar de oração e de descanso, um alento em meio à jornada.

A maioria das capelas são simples, são pequenos espaços que mal abrigam algumas pessoas. Muitas foram construídas como agradecimento de graças alcançadas. Outras, por

promessas ou pela devoção a algum santo específico, mas em todas elas está sempre presente uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, lembrando-nos que estamos a caminho da casa da Mãe.

Essas capelas são uma demonstração da fé das pessoas que, por inúmeras razões, dedicaram-se a edificá-las. Além delas, há as igrejas das cidades e vilas, que sempre se destacam de longe por suas imponentes torres que se sobressaem das casinhas. Muitas delas são históricas, verdadeiros patrimônios que guardam memórias e tradições religiosas da região.

Esses templos, sejam singelas capelinhas ou grandes igrejas, são um sinal visível da religiosidade do povo, profunda e presente no Caminho da Fé, lembrando que, mais do que a jornada física, a peregrinação é uma caminhada de fé e espiritualidade, rumo ao encontro com Nossa Senhora Aparecida.



Capela Nossa Senhora do Sagrado Coração, situada entre Paraisópolis e Luminosa

Luís

A chegada à casa da Mãe Aparecida

A graça de estar na capital brasileira da fé

Depois de uma jornada longa que durou dias, chegou a hora de pisarmos o solo abençoado de Aparecida. Logo que avistamos a Basílica, tivemos a

certeza de que a missão estava sendo cumprida e que logo estaríamos aos pés da Rainha do Brasil.

A chegada ao Santuário Nacional e a ida ao nicho da imagem original, momento de muita emoção e fé, marcava o fim da caminhada e o início da romaria arquidiocesana de Ribeirão Preto. Era sexta-feira. Estávamos contentes por estar em Aparecida, cada um fazendo sua visita aos lugares marcantes da cidade.

Na noite da mesma sexta, eu e meu irmão de fé, Arthur, dirigimo-nos à Basílica Histórica, onde participamos da Santa Missa celebrada por Dom Orlando Brandes, arcebispo de Aparecida. Após a conclusão da celebração, pudemos receber uma bênção especial do arcebispo.

Chegado o sábado, o auge da romaria arquidiocesana foi a celebração da Santa Missa, presidida por Dom Moacir Silva, arcebispo de Ribeirão Preto, no altar central da Basílica Nova. A celebração contou com a presença de vários padres, diáconos, seminaristas e fiéis de nossa arquidiocese.

Após a Celebração Eucarística, fomos especialmente conduzidos com um grupo de padres diocesanos e o arcebispo, à capela dos Apóstolos, onde se encontra a parte de trás do nicho com a imagem de Nossa Senhora. Momento muito especial de oração e meditação que marcou o fim de nossa romaria.

Foi uma caminhada e romaria que marcaram a história de cada um de nós e, agradecidos a Nossa Senhora por seu amor e carinho, fica a vontade de fazer novamente esse percurso de fé e amor.

Miguel

Momento de pausa dos peregrinos

No Caminho da fé, após percorrer o trajeto do dia, ficávamos em pousadas, local onde descansávamos. Também havia a celebração da missa, que reunia todos os presentes.



Pousada Casa da fazenda, Paraisópolis - MG



Celebração da Santa Missa na companhia dos proprietários da pousada do Quati-MG, contando com a presença de seus familiares e seminaristas



Missa na pousada Trutaria Bela Vista, em Gomerl, Guaratinguetá – SP, ocasião em que estiveram presentes alguns peregrinos conhecidos durante o trajeto

Fábio

Passagem por Campos do Jordão

No penúltimo dia de peregrinação, depois de termos subido a temida serra da Luminosa, na divisa entre Minas Gerais e São Paulo, chegamos a Campos do Jordão, conhecida como a “Suíça brasileira”. O município recebe esse título devido ao clima mais fresco, chegando a temperaturas negativas em épocas de frio e por conta da arquitetura em estilo europeu.

Lá, tivemos a oportunidade de fazer um passeio na Vila Capivari. No findar do dia, participamos da oração das vésperas com as irmãs beneditinas do Mosteiro de São João. Nessa ocasião, pudemos observar a beleza da vida contemplativa, que se exprime no modo piedoso como as irmãs se portaram durante toda a oração.

À noite, participamos da celebração da Santa Missa, presidida pelo padre Marcus, na igreja de São Benedito, na Vila Capivari. Foi um momento muito marcante da caminhada. Além do padre e dos seminaristas, estavam presentes o casal que nos acompanhou,

Claret e Fabíola, uma ministra da eucaristia, que nos auxiliou na celebração, e demais pessoas que foram participar da Missa.



Passeio na Vila Capivari



Mosteiro de São João, onde residem as monjas da ordem de São Bento



Capela interna do mosteiro de São João, local onde as irmãs celebram a Liturgia das Horas com a participação do povo

Arthur